

# História da história de Campinas

OSG 2.2.19  
4-10-75  
JOLUMA BRITTO

Bidu Sayão, essa extraordinária artista brasileira que provocou sensação nos palcos dos maiores teatros do mundo, dizia-me há perto de vinte e dois anos, no palco do Teatro Municipal Carlos Gomes: esta é a última vez que venho cantar em Campinas.

Naquela noite, os microfones da P.R.C. 9 estavam instalados no Teatro, para transmitir sua voz encantadora, que ainda emociona o mundo artístico, para transmitir pela derradeira vez de sua garganta privilegiada, principalmente os gorgeios suaves da Ballata, de Ceci, no Guarani de Carlos Gomes. Foi seu canto de cisne em nossa Pátria. E nunca, nunca mais Bidu Sayão voltou para cantar em nossa terra. Foi seu canto de cisne e a derradeira vez que seus olhos viram os contornos das lides campineiras.

— X —

Falando em música vocês devem andar ouvindo através dos alto-falantes de seus aparelhos de televisão os acordes do Hino à Bandeira, e vendo um garotinho soprando-o numa gaita de boca, atravessando uma floresta. Pois, o Hino à Bandeira gravado no tape, segundo um maestro de verdade cujo nome não estou autorizado a dizer está errado! Seus acordes ou a melodia não condizem com a escrita pelo autor da encantadora composição que embala nossas esperanças ao vir tremulando o sagrado pavilhão nacional.

— X —

Quando no princípio deste século a Santa Casa de Misericórdia recolhia os raros indigentes que a procuravam, o Asilo de Inválidos que Reinaldo Laubstein dirigia com extremos filiais, abrigava os velhinhos cujo destino ingrato os deixava sozinhos. Quanto a outra pobreza, a chamada pobreza envergonhada — dela cuidava a proverbial bondade campineira. Da parte médica se encarregava o dr. Thomaz Alves, de forma assaz original. Tinha esse ilustre homem de espírito seu consultório em dependências da Farmácia Sales. Feita a receita, que conforme o caso era ali mesmo aviada, recusava-se o médico a falar em dinheiro com o consulente.

Anotava, e no fim do ano apresentava a conta a um campineiro que pagava tudo com dinheiro de seu bolso! Sabem quem era? Bento Quirino dos Santos!

— X —

Nhá Quina Gomes, quando uma embaixada de jornalistas campineiros esteve há alguns anos em Ribeirão Preto, quando visitávamos sua casa residencial, pediu-me ela, súplice, um grande e imenso favor: "Seu Jolumá, você escreveu tanto sobre a verdade da vida de meu irmão publicando o Tônico de Campinas, vai me fazer um favor "E, ternamente, tomando-me as mãos" — "Depois de morta, por favor e pelo amor de Deus, nunca deixe que meu corpo e muito menos meus ossos sejam levados para Campinas, que foi a terra madrastra de meu mano querido. Ele sempre foi um filho amoroso de sua Pátria e chamaram-no de naturalizado italiano, jogador, perdulário e não mais sei o quê! Logo ele que se recusou a se naturalizar italiano a fim de ser nomeado diretor do Conservatório de Milão, quando no Brasil não o queriam nem para porteiro de Conservatório! Não deixe que meus ossos sejam levados para a ingrata Campinas..."

Sabem quem era Nhá Quina Gomes! A irmã mais íntima de Antonio Carlos Gomes. Esse mesmo que tem uma estátua na Praça...

Uma vez que estamos vivendo no reino musical nesta crônica e que nos referimos ao maestro, muita gente me

pedindo para condenar o assassinio que fizeram na Televisão Globo da obra magistral que tanto interesse despertou no autor de Aida, Giuseppe Verdi.

Nessa exibição do último domingo. — não assisto, mas dezenas de pessoas me pediram, para condenar o motivo de chacota e de infâmia do produtor daquele Fantástico, o show da Vida, que a popular emissora transmitiu, desvirtuando com a imaginação fantástica e doentia do autor desse programa, tudo aquilo de nobre e de elegante, de severo e de agradável que nosso Carlos Gomes, escrevera pouco depois de ler o romance de José de Alencar.

Não foi a toa que o compositor filho de Maneco Múscico, amaldiçoou a terra que o vira nascer, quando saiu daqui, sem mesmo esperar o trem que o conduziria a S. Paulo, não querendo ficar mais um minuto em Campinas e partindo a cavalo até Valinhos, para lá tomar o trem que o conduziria a Capital. Até hoje parece que a maldição de Carlos Gomes perdura contra a cidade que o vira nascer! O antigo Teatro que tinha seu nome, foi demolido. Seu nome apagado do frontispício da casa de espetáculos e no que se inaugurou na Praça Corrêa de Lemos deram, merecidamente aliás, o nome de Castro Mendes, lembrando meu saudoso e sempre querido Zeka Mendes.

Esse, teatro também, foi posto abaixo! Campinas continua sem teatro e durante algum tempo as grandes companhias teatrais que aportavam em nossa terra, chamaram-na de cemitério dos artistas! É incrível. Mas a história não mente!

— X —

Por falar em história, tem gente que não acredita que tenha sido eu o pioneiro do rádio em Campinas e principalmente de nossa Educadora — P.R.C. 9. Dentre muitos comentários que escrevi, antes mesmo da inauguração do antigo Rádio Club de Campinas, a Gazeta, jornal do qual eu era repórter e colaborador antes de 1930, publicava nesse ano, em 16 de março número 270 de sua nova fase e sob a redação do saudoso dr. João Marcílio, uma rotina em que eu dizia: "Causou intenso entusiasmo e agrado na roda dos rádio-amadores de Campinas, a notícia por nós publicada ontem, sobre a próxima montagem nesta cidade, de uma estação transmissora de rádio.

E não foi só entre os mais ardentes apaixonados desse útil invento que a nota da Gazeta conseguiu agradar. Grande foi o número de pessoas que momentaneamente, com grande surpresa para nós, dirigiram-nos com insistência, inúmeras perguntas sobre as possibilidades de uma estação em Campinas.

Depois de todas as experiências que se realizaram com grande êxito aqui na cidade, há cinco meses (1929), aproximadamente, ainda há, dizíamos, pessoas que duvidam da boa recepção do rádio em nossa cidade.

Mas, mesmo assim, todas essas dúvidas, dentro em breve se dissiparão".

E, mais um pequeno comentário colocando a inicial "J", nesta notícia.

Al lado vinha estapada uma outra notícia, "O rádio e seus defensores" assinado pelo I.C.L., isto é, Italo Cori Lazzeri, afirmando que a montagem nesta cidade, de uma estação transmissora, resolveria para nós o problema do rádio "Depois, eu conto o resto..."

Gma